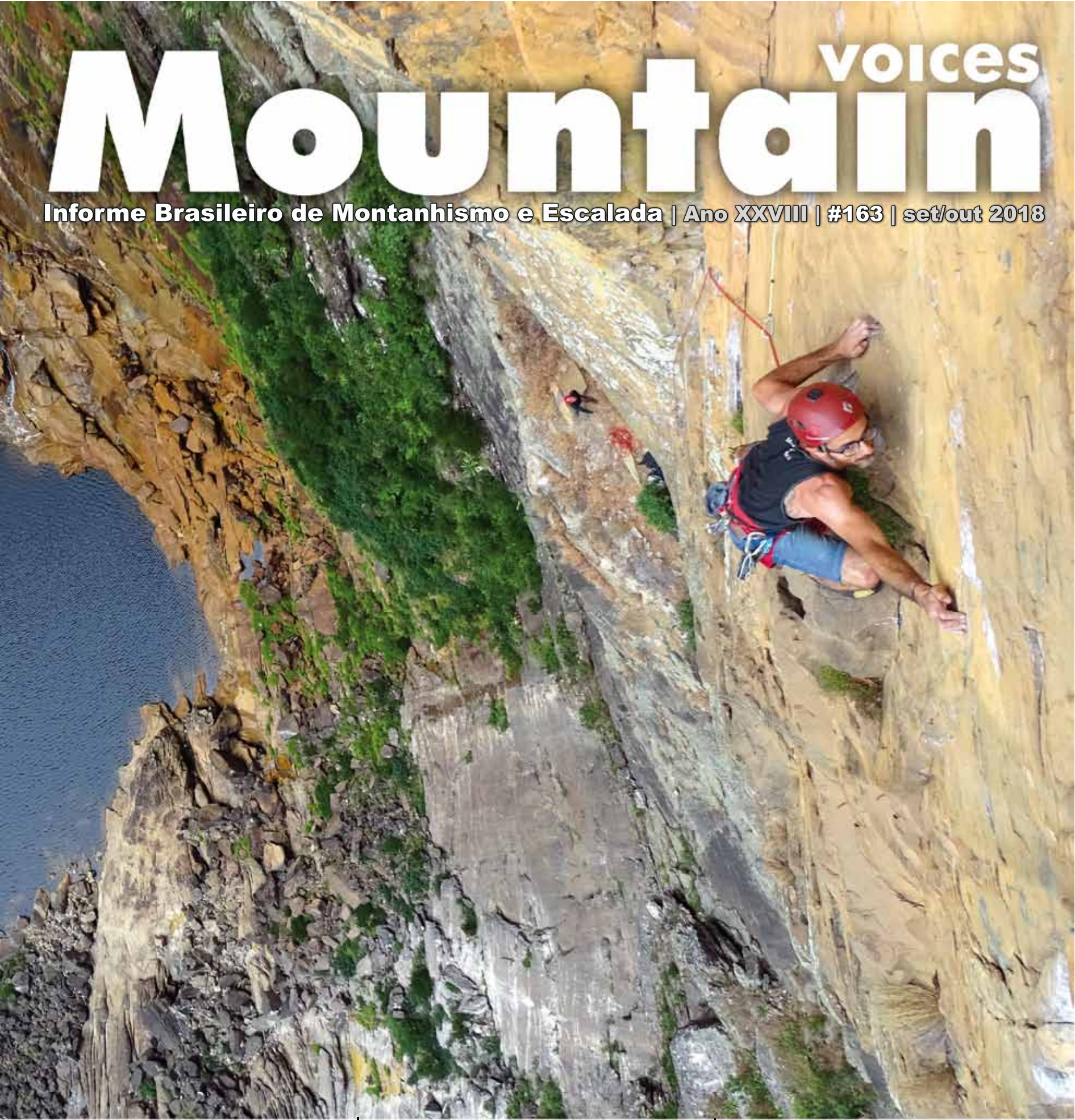


A photograph of a rock climber in a red helmet and black tank top scaling a steep, layered rock face. The climber is positioned on the right side of the frame, with their body angled towards the rock. A red rope is visible extending from the climber. The background shows a rugged cliff with patches of green vegetation and a body of water on the left side.

voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXVIII | #163 | set/out 2018

TABULEIRO
A GRANDE CACHOEIRA

**ESCALANDO EM
SOLITÁRIO**

**ROCK MASTER
ARCO**

ESCALADA

MONTANHISMO

INDOOR



**MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS**



**CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO**



Cheguei a um povoado uruguaio tarde da noite e seu único acesso era por um veículo tracionado local com vários passageiros e lh pelas dunas e praia. O caminhão sacolejava bastante e um vento castigava meu rosto descoberto. Cruzar a beira da praia de noite me enchia de expectativa, mas o céu encoberto não deixou ver muita coisa.

Quando descemos Ana já nos esperava, num portunhol simpático e uma franja de cabelos lisos meio charrua, meio brasileira. Caminhamos cerca de 5min pelas areias fofas e molhadas da praia com a mochila até nos acomodarmos sozinhas no hostel. Mal deixamos as roupas molhadas, já caminhamos de volta para o centro do povoado, às dez da noite, onde aconteceria uma oficina de sons e meditação. O facilitador nos reuniu em uma roda e ao som de tambor e com seu próprio corpo nos levou a um estado de serenidade e ao mesmo tempo consciência plena de estarmos vivendo o melhor momento de nossas vidas, o agora. Sem pensar na expectativa do dia seguinte, sem lamentar as horas passadas no ônibus, eu conseguia pulsar e vivenciar o momento presente de uma maneira bem forte.

Quando retornei ao meu dia a dia, me dei conta como a viagem havia sido mágica, impensável, mesmo curta. Lá fui eu viver o passado de novo. Comecei mais uma vez a perder preciosos momentos da minha rotina a me exasperar sobre meu futuro. Minhas contas. Meus projetos inacabados. Meus sonhos inalcançáveis. Mas aos pés daquele farol, com um ponto alaranjado imenso no céu (mais tarde me identificaram como sendo Marte naquele céu estupidamente transparente) e meus ouvidos em silêncio, eu vivia o presente. Só isso.

Quando despertei vesti o casaco vermelho do dia anterior e a touca colorida, calcei minhas botas impermeáveis e dei a volta na cabana onde estávamos. O mar estava a míseros 300m e eu conseguia escutar os lobos marinhos e suas brigas, assim como a água batendo nas pedras e o vento castigando os ramos de manzanilla na areia. Soltei o celular imediatamente, para olhar ao redor e sentir realmente como era estar somente. Sem registrar, comentar, falar, dividir. Ouvir.

Caminhamos até um mercado diminuto, de um pescador local, e junto com pães, queijos, vinhos, algumas verduras e farinhas, havia objetos trazidos do mar, pela grande ocorrência de naufrágios da minúscula ilha encravada em um mar bravo. Um passado presente em memórias, lembranças e histórias. Para muitos visitantes dessa praia encravada nas rochas, o tempo parou para todos por ali. Mas a verdade me veio avassaladora, ao assistir a noite na Escola Local com outros 15 moradores, o vídeo Tempos Modernos de Chaplin, numa iniciativa dominical de dois simpáticos senhores de 70 anos, responsáveis por nutrir o povoado de cultura todos os domingos perfazendo já um ano de bolos, sucos, conversas e diversão

em um frio e vento de 5 graus, mostrando a mim um futuro brilhante a esses moradores, e não uma aldeia hippie retrógrada como alguns de nós imaginávamos ser o lugar. O parar do tempo significa para eles, ter tempo. Significa apreciar o tempo. Dar o seu tempo. Ganhar do tempo. Sem alienação, sem monotonia. Com sabedoria.

Quando precisamos ir embora, o caminho tracionado saía às 5 da manhã. Minha amiga pediu se podíamos chamar um motorista local ou taxi para ganharmos tempo. O tempo outro vez. Vivemos tentando extrair dele seu máximo, sem o deixarmos cumprir seu curso. Queremos tempo. Perdemos tempo. Temos medo do tempo. Por fim resolvemos seguir o andar do tempo, acordamos sem luz elétrica, tomamos um café necessário, caminhamos por sobre a areia, até subirmos e sacolejarmos bem devagar ao ponto do ônibus de retorno até a fronteira, onde tomaríamos um café demorado até a hora de partir pra casa. Como num feitiço, começava a sentir minhas urgências ao subir no ônibus de volta. O celular já ligado, os compromissos para o dia, as aulas a serem remarcadas, a chuva que chegava, o dinheiro, o gás, a luz. O futuro insistindo na minha porta, mesmo o presente estando sentado em meu sofá. É como você estar com uma visita em casa, pensando na

que vai chegar ou nem virá.

Quando eu caminho pelas montanhas, ou sinto os pingos de água e vento batendo no meu rosto ao velejar, nos segundos de chegada de uma corrida, dores nos músculos, coração batendo forte, o presente está ali. Quando sentimos nossos dedos pulsarem, ao avistar um amor, ao apertar um filho, ao saltar de paraquedas, o presente pulsa. Sabemos ser o mais real, mas nos angustiamos com o imaginário.

Meu dia fora do tempo levou meu corpo e meus pensamentos a uma pausa silenciosa de paz. Me senti viva e importante, me senti mais viva e saudável como há muito não me sentia, me vi feliz, feliz, feliz, e o motivo era, eu estava ali. Vivendo e aberta ao dia, às cores, aos sons, experiências, dificuldades, estranhezas, frio, sono, fome. Eu era eu.

Que a gente consiga reproduzir nossos momentos de paz em nossos dias. Que a gente não se esqueça como é. Que a gente não se canse de perseguir estes momentos, não se canse de vive-los, de sondá-los, de desejá-los. Que a gente SEJA eles, agora, neste momento. Seja lá o que estivermos fazendo, que sejamos sempre fora do tempo.



Solo Outdoor & Travel

Outdoor & Travel

LANÇAMENTO

LINHA VERSATILE

JAQUETAS CORTA-VENTO
RESISTENTES À ÁGUA

www.solo.ind.br





Texto: Naoí Prima
Imagem: Sílvia Vidal

Essa semana, após uma espera que quase oito meses, finalmente recebi pelos Correios, o livro “Me, Myself & I” de Andy Kirkpatrick. Para quem não conhece, Kirkpatrick é um famoso escalador britânico que ficou conhecido por realizar inúmeras escaladas em estilo solitário, principalmente no vale de Yosemite, nos Estados Unidos. O estilo solitário difere da escalada em solo por usara corda como equipamento de segurança e sem a participação de um segundo escalador, ficando a segurança à cargo do próprio escalador por meio de um sistema de auto-segurança.

Atualmente, Kirkpatrick é uma das poucas referências sérias que há na internet quando o assunto é escalada solitária. Recentemente, o escalador britânico Pete Whittaker realizou a primeira escalada solitária do El Capitan em menos de 24h e numa entrevista, falou que leu, conversou e trocou muitas ideias com Kirkpatrick sobre este estilo de escalada e que o livro dele foi primordial para o sucesso desta empreitada.

O livro, embora bem simples, é bem prático e tem tudo para ser a “Bíblia da Escalada Solitária”. De fato, até onde já pesquisei sobre o assunto, essa é a única literatura dedicada sobre o assunto com boas dicas técnicas e uma

boa abordagem sobre os aspectos mentais envolvidos.

Aqui no Brasil, digo aqui, porque não sei como é lá fora, a escalada solitária é um estilo de escalada muito “oculto”. É quase uma “sociedade secreta”, onde quase ninguém fala sobre o assunto e os poucos que praticam agem na “calada da pedra”. Desde que comecei a escalar, em 1995, sempre tive muito fascínio por este estilo e busquei informações sobre o assunto sem sucesso. No Rio Grande do Sul, meu Estado de origem onde aprendi a escalar, a maior referência no assunto era o escalador João Giacchin que realizou inúmeras escaladas e conquistas neste estilo.

Recentemente, numa entrevista, li que ele aprendeu este estilo de escalada com outro mestre do assunto, o escalador mineiro Edson Struminski “Du Bois”.

Infelizmente, quando comecei a escalar, o Giacchin se mudou para Europa e numa pude conversar com ele pessoalmente para aprender um pouco mais sobre este estilo tão peculiar e único.

Aqui no Espírito Santo, as inúmeras conquistas em solitária do escalador Joaquim Pereira “Kinkas” no complexo do Itabira em Cachoeiro de Itapemirim são as mais famosas e representativas. E a nível nacional,

escaladores como Bitó Meyer, Eliseu Frechou, Karina Filgueiras e Nicola Martinez são outras referências neste estilo com várias ascensões no Brasil e no exterior. Já na gringa, a lista é bem grande, mas a minha admiração pessoal vai para catalã Sílvia Vidal que tem em seu currículo um punhado de expedições solitárias de respeito. Em 2017, por exemplo, ela conquistou em solitária uma via de 500m nos confins do Alaska (Face oeste do Xanadu) durante 53 dias, entre transporte, escalada e descida e naturalmente sem nenhum apoio logístico.

Muito se lê sobre essas escaladas, mas pouco se escreve sobre as técnicas envolvidas. É como se esse as-

sunto fosse proibido de ser divulgado. Na internet, há inclusive alguns vídeos sobre o assunto, onde o rosto do escalador aparece oculto para não ser reconhecido. E do pouco material que há disponível na internet parece que todos querem te desencorajar a correr esse tipo de risco. Ironicamente, quando o assunto é escalada solo, sem corda, parece que não existe isso. Alex Honold não precisa esconder a cara quando escala em solo o El Capitan.

De fato a escalada solitária é um estilo comprometedor, diria que a escalada solitária está mais para escalada solo do que escalada com corda. Tanto é que a regra básica da escalada solitária é: não caia! Afinal de conta, em caso de queda, o mecanismo de travamento poderá falhar por uma série de razões, pois neste estilo o sistema de segurança também fica a cargo do próprio escalador, que além de se preocupar com a escalada, precisa controlar a própria segurança por meio de um aparelho auto-blocante. Teoricamente, há apenas um dispositivo relativamente seguro para escalada livre em solitária, o Silent Partner, fabricado pela Rock Exótica. A má notícia é que esse aparelho foi descontinuado pelo fabricante, restando apenas os “aparelhos modificados” ou ter a sorte de encontra-lo à venda de segunda mão.

Por muito tempo usei esses “apare-

lhos modificados”. Nos primórdios, usei dois prussiks para segurança. Não recomendo ninguém a fazer isso! Depois, “aperfeigoei” o sistema e usei um esquema baseado em nó UIAA modificado. Mais tarde, usei o que é o sistema mais difundido que é o sistema com o Gri-gri (Petzl) modificado. Esse é um sistema relativamente seguro, mas há muitos “porens” que precisam ser considerados e a soma de todos os “porens” deixa o sistema não muito seguro. Pensando na minha integridade, deixei o Gri-gri de lado e parti para o Soloist, fabricado também pela Rock Exotic que consegui com um amigo dos Estados Unidos. Esse aparelho foi projetado especificamente para escalada solitário em livre e é um sistema bastante robusto, mas ainda assim têm alguns “porens” bem relevantes, como por exemplo o fato de o sistema não funcionar em terreno menos inclinado (costão). E por fim, consegui de barbada no Mercado Livre um Silent Partner, considerado por muitos como o sistema mais seguro, dentro das possibilidades, para escalada em livre. Como qualquer outro sistema, o Silent Partner também tem suas limitações e aspectos importantes a serem considerados, mas posso garantir que todos os sistemas que já usei até hoje é o que mais me sinto seguro. Se é que isso é possível. Além desses aparelhos,

ainda há outros aparelhos destinados a escalada solitária como o Soloaid ou o sistema baseado em “volta do fiel”, mas são sistemas que funcionam bem para escalada solitária em artificial e são pouco práticos para escalada em livre.

No entanto, o sistema de auto-segurança é apenas um “detalhe” dentro do mundo da escalada solitária. Há uma enorme gama de aspectos a serem considerados antes de se aventurar por esse tipo de terreno. Na escalada em solitária, não basta apenas saber escalar. É preciso dominar técnicas verticais, como ascensão por corda, içamento, auto-resgate e acima de tudo ter um mind set muito bom, pois você estará 100% autossuficiente numa parede e a sensação de solidão terá grande impacto na escalada. Na verdade, dominar a escalada e as técnicas são relativamente fáceis por serem bem mecânicos, mas o aspecto mental é muito mais difícil de lidar. Passar horas ou até mesmo dias sozinho numa montanha se expondo constantemente para fora da zona de conforto realmente mexe com a psique. Por isso, mais importante do que estar em forma é estar com a saúde mental em dia. Eu mesmo desisti algumas vezes de escalar em solitária porque não estava me sentido à vontade naquele dia. As minhas experiências nesse estilo

de escalada são bem pontuais, mas bastante frequentes ao longo dos anos. Fiz algumas repetições no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e no Espírito Santo, onde inclusive conquistei algumas vias neste estilo. De todas as escaladas, as conquistas em solitária são as mais representativas para mim por envolver maior complexidade e esforço físico. Alias, esforço físico é o que mais tem nessas conquistas. Longas caminhadas levando e trazendo material de conquista, içamentos de material e jumareadas sem fim. No fim, a parte menos desgastante é a própria escalada em si.

Se já é difícil explicar as nossas motivações para escalar uma montanha, é quase inexplicável definir as motivações para ir a uma montanha sozinho. Ir para uma montanha com um amigo e escalar sem ter ninguém por perto é muito diferente de ficar realmente sozinho na montanha. É até engraçado como agimos diferente quanto se está sozinho. Costumo permanecer muito mais tempo focado e quando acho um tempo para respirar, gosto de ouvir um pouco de música, coisa que não faço normalmente. Mas no fim, independente dos meios ou dos objetivos, eu acho que o que leva para vida são as experiências vividas durante os momentos mais intensos que este estilo de escalada consegue proporcionar.

Desde 1989 formando montanhistas e escaladores



Escalada em Rocha

Curso Básico
2 dias
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida
Campos-escola preparados e equipamentos certificados.
Alojamento em nosso abrigo.

Cursos Avançados
2 dias
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes.
Experiência comprovada

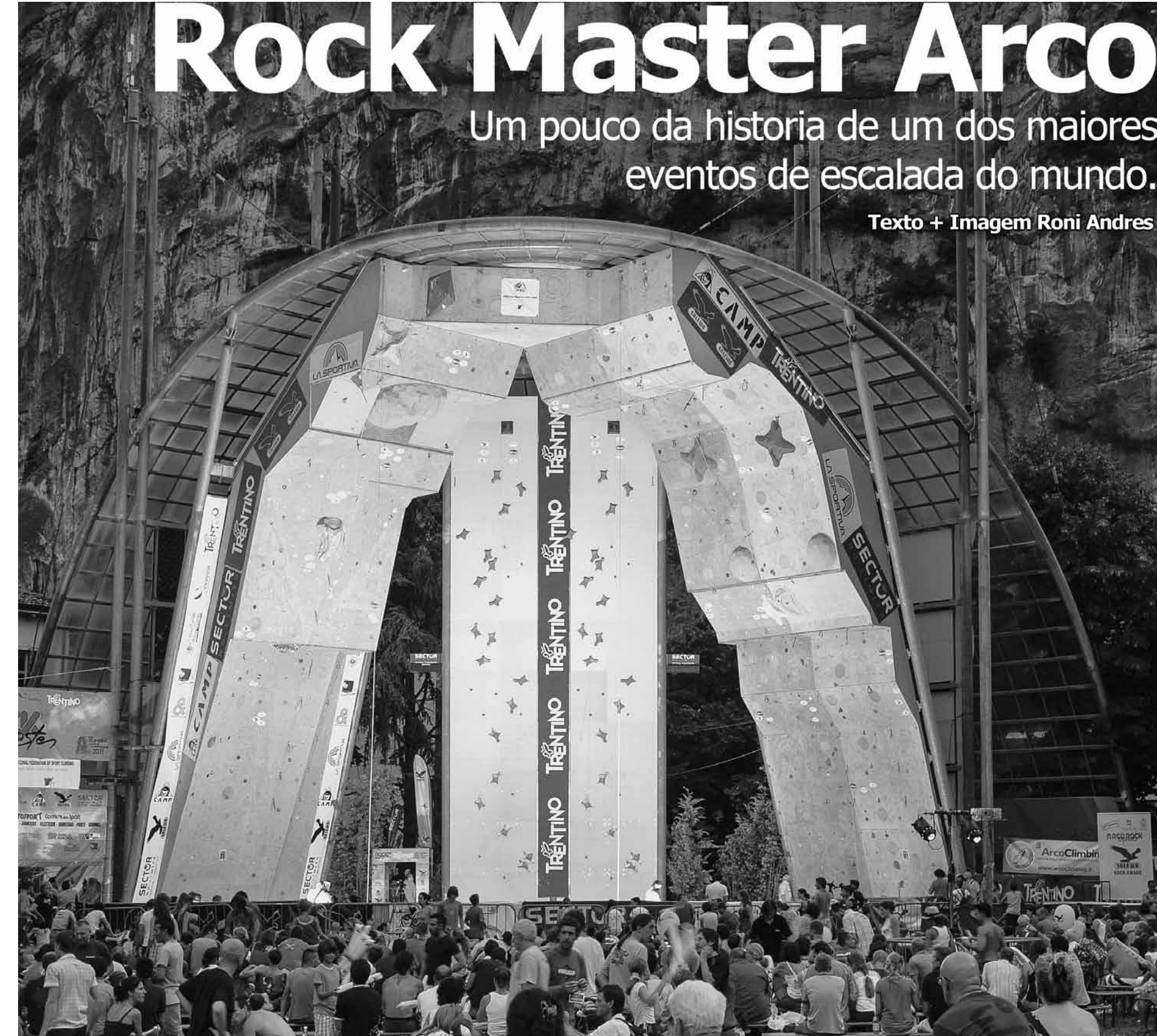
Escaladas Guiadas
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

Primeiros Socorros em Áreas Remotas

WFA-Wilderness First Aid
2 dias
Certificação internacional pelo
ASHI- American Safety & Health Institute (EUA) e
Padilha Treinamentos
Turma 2018: **27 e 28 de outubro**

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Tel.: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br





Rock Master Arco

Um pouco da historia de um dos maiores eventos de escalada do mundo.

Texto + Imagem Roni Andres

No momento que estou escrevendo esse texto para o Mountain Voices a pequena cidade de Arco de lotada passa a ser super lotada. E’ impressionante como uma cidade de 17.000 habitantes se transforme tanto assim no verão. Claro que a posição geografica contribuiu muito para esse “bum” turistico. Inserida num belissimo vale, cercado por montanhas de até 2.000 metros de altura, em proximidade do maior lago do pais e com a possibilidade de praticar vários esportes conta e muito.

Mas o real motivo de todo esse tumulto e o “motor” da cidade é a escalada e a competição Rock Master antigo *Sportroccia, evento realizado desde o longínquo 1985 onde uma etapa era realizada em *Bardonecchia no Piemonte e outra aqui em Arco no Trentino/Alto

Adige. Pra quem já teve a oportunidade de assistir esse evento sabe que é uma oportunidade unica de ver os melhores escaladores da atualidade reunidos em uma das competições mais renomadas do mundo. Se bem que, na minha opinião

que acompanho esse evento in loco desde 2008 e tb de tantas outras pessoas, se comparado aquele periodo onde o formato era diferente, a competição tenha perdido um pouco do seu “brilho”. Todos os escaladores eram convidados e a competição não fazia

parte do circuito mundial como hoje. Sem duvidas a “nata” da escalada esportiva era reunida para dar show... Penso que cada geração de espectador desse evento, desde 1986 até hoje, tenha vivido momentos importantes; imagino quem pode

acompanhar, pela metade dos anos 80 ainda na rocha, verdadeiras lutas entre legendas como Ben Moon, Jibé Tribout, Stefan Glowacz , Didier Raboutou e Patrick Edlinger. Escaladoras como Isabelle Patssier, Lynn Hill(5 vezes campeã), Catherine Destivelle e Luisa Iovane, e a lista seria bem maior... Uma coisa interessante do evento quando foi transferido da rocha para a estrutura artificial era que a qualificação final era dada pela soma dos metros escalados de uma via a vista no primeiro dia de competição e uma via trabalhada no segundo. Formato mantido até 2009, logo depois a via a vista começou a valer como semi-final e via trabalhada como final. Do inicio dos anos 90 até praticamente metade dos 2000, se na parte da categoria feminina a briga era acirrada para levar o titulo entre diversos países, a categoria masculina levou 8 títulos com a elegância francesa de François Lombard, Alexandre Chabot e o gentleman Francois Legrand vencedor do Rockmaster por 4 vezes, esse ultimo ao qual tive o prazer de conhecer em 2011 e trocar algumas informações de escalada, vias e graus. Ainda hoje quando volta pra Arco, faz uma visita para cumprimentar o pessoal nos albergues, pizzarias, restaurantes por onde passava no seu periodo de permanência aqui em Arco; Não só para competir mas também para conquistar vias e escalar na rocha do vale do rio Sarca. Na minha chegada aqui em Arco em 2008 posso dizer que assisti um periodo de transição daquele tipo de competição, como disse antes, com objetivo de dar espetáculo (visto o formato de via a vista + via trabalhada) e aquele inserido dentro do calendario mundial iniciado definitivamente em 2010 como um pre-mundial; onde como todas as outras etapas em outros países segue o regulamento de qualificação da IFSC. Foi durante esse periodo de mudanças no formato da competição que o Rockmaster viu os seus maiores campeões, o espanhol Ramon Julian Puigblanque o Ramonet, 8 vezes vencedor e mais conhecido aqui em Arco como a “maquina de guerra”... e a austriaca Angela Eiter, 7 vezes campeã , numero dificil de ser batido nos dias de hoje visto a quantidade e a qualidade dos atletas dentro do circuito mundial, basta citar Jacopo Shubert, Adam Ondra, Alex Megos, Stefano Ghisolfi, entre outros. No feminino Janja Garnbret, Anak

Verhoven, Mina Markovic, Jessica Pilz pra citar alguns dos(as) escaladores(as) mais fortes da atualidade. Nos dias de competição que são divididos entre lead, boulder, velocidade e duelo, existe no programma um evento de premiação *Arco Rock Legends que nesse ano chega a sua 12ª edição. Conhecida como “ O Oscar da Escalada” tem como objetivo premiar aqueles que de alguma forma com sua atividade, influenciam o desenvolvimento da escalada, alem da festa de confraternização, pos competição, outra oportunidade de estar perto dos grandes da escalada, e pra quem sabe fazer uma foto, tomar uma cerveja e trocar uma idéia, coisa não impossível de acontecer por aqui, claro, sempre com os mais simpáticos. Esse é um outro diferencial dessa competição, no pequeno centro histórico de Arco com tantas lojas, restaurantes, pizzarias e sorveterias é sempre muito fácil estar em contato com a maioria das delegações e seus atletas. Pra finalizar o que faz do Rock Master sempre um grande evento é sua propria historia, iniciada la nos 80, em uma cidade que soube abraçar o esporte pra crescer e goza do direito de sediar essa competição, considerada hoje uma das maiores, senão a mais, manifestação de escalada do mundo, é so ver para crer...

*Sportroccia foi a primeira competição internacional de escalada esportiva. Realizada em 1985 por iniciativa do forte alpinista dos anos 60 Andrea Mellano, membro do Clube Alpino Académico Italiano. A primeira edição foi realizada em Bardonecchia. Em 1986 o evento foi dividido em duas etapas, a primeira em Arco e a segunda em Bardonecchia. Naquele periodo a competição era realizada na rocha o que comportava diversos problemas para os organizadores: 1) As vias eram delimitadas colando fita adesiva na rocha; 2) Nem sempre as vias partiam do chão, as vezes se utilizavam escadas para iniciar a via em uma parte de rocha mais adapta; 3) Para renovar as vias entre uma edição e outra se utilizava talhadeira e cimento; Justamente por esses problemas as competições foram transferidas progressivamente para as paredes artificiais. No ano de 1987 não foi disputado o Sportroccia, ja em Arco foi realizado o primeiro Rock Master ainda em

rocha e somente no ano seguinte em parede artificial, a mesma que recebe a competição ainda hoje. *Arco Rock Legends é dividido em 4 premiações -Mission Arco Rock Legends: Premiar e fazer conhecer a melhor prestação na escalada esportiva em falesia ou boulder do ano corrente(estação de escalada), mas também o estilo e a mensagem do escalador. -Wild Country Rock Award: Ao escalador que mais se destacou na atividade em falesia em vias chapeleteadas ou boulder, seja pela performance obtida e pro quanto soube influenciar o estilo e a etica da escalada esportiva. -Lasportiva Competition Award: Ao atleta que se destacou na atividade de competição (Lead, Boulder o Speed) na estação precedente. -Climbing Ambassador by Aquafil: A uma personalidade que contribuiu com suas realizações a promoção da escalada no mundo.

Roni Andres tem apoio de Five-ten.

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Area de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

Hostel
Picus
.com.br

Abrigo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG

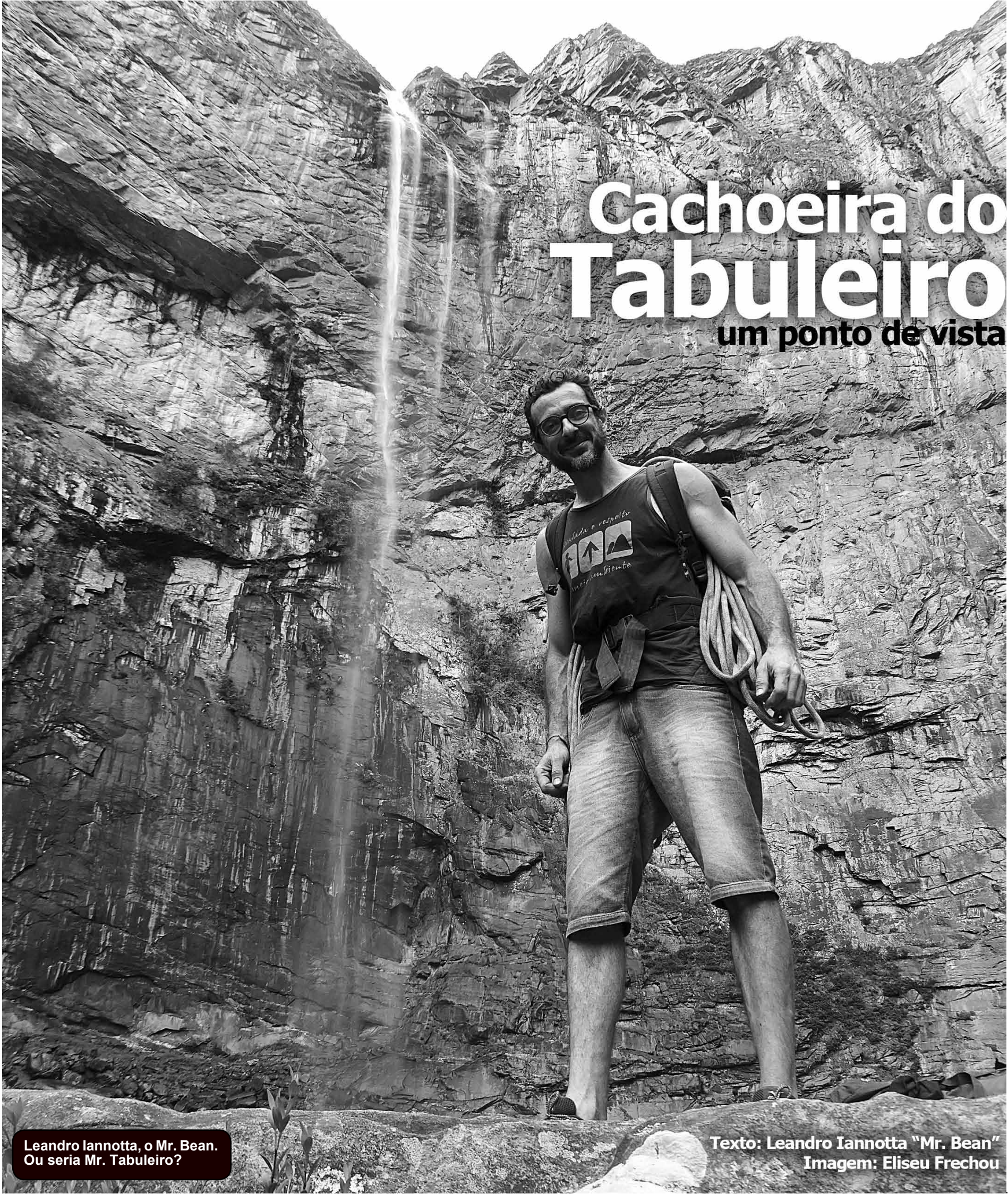
Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA
Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metró Praça da Árvore, São Paulo



Leandro Iannotta, o Mr. Bean.
Ou seria Mr. Tabuleiro?

Texto: Leandro Iannotta "Mr. Bean"
Imagem: Eliseu Frechou

Fui convidado a escrever sobre a escalada ao lado da maior cachoeira de Minas Geras pelo escalador Eliseu Frechou, tomei a mão papel, caneta e então me dei conta que ia escrever um pedaço da minha história.

Comecei escalar há 20 anos e desde o início me sentia a vontade em meio às montanhas, escalar passou a ser meu estilo de vida, foi natural pra mim e com respeito comecei a me aventurar por diversas paredes no estado de Minas Gerais.

Naquela época ouvia de amigos escaladores historias sobre uma grande e difícil parede negativa, blocos soltos e cordas que poiam em quinas ásperas chamadas carinhosamente de “facas”, curioso, mas tudo isso me instigava e foi então que no ano 2000 partimos para uma grande aventura, conquistar uma via ao lado da cachoeira do Tabuleiro.

Linda de Morrer

Nesta primeira experiência começamos um grande projeto, escolhemos uma linha audaciosa que subia por um diedro constantemente molhado pelo esguicho d’água da cachoeira e ia em direção a um pequeno teto em formato de uma gaivota, sem saber direito no que estava me metendo começamos. E depois de um dia inteiro de escalada e segurar meu parceiro que caiu depois de deslocar um grande bloco de pedra, voltamos pra casa. Em casa dias depois não conseguia pensar em outra coisa, escalar o Tabuleiro passou a ser meu sonho, uma rocha aderente, multicolor, negativa, de qualidade. Porém outras escaladas foram acontecendo, conheci o Caraca, o Baiano e as falésias ao redor de Belo Horizonte. Evolui um pouco tecnicamente e retornei ao Tabuleiro. Após uma segunda investida de amigos que haviam alcançado o platô há 120 metros do chão e superado um grande teto deixando inacabada e nominada a via *Linda de Morrer*. Repetimos o que já havia sido conquistado e depois de nove dias dependurado na parede, entre sol e chuva, de deixar a marreta cair enquanto conquistava e ter que esperar por horas apoiado em um cliff, meu parceiro descer aproximadamente 100 metros até o platô para buscar outra marreta, conquistando os 150 metros que restavam, na nossa terceira investida, em janeiro de 2002 chegamos pela primeira vez no cume do Tabuleiro, descemos da parede em baixo de chuva, chegamos ao chão, completamente exaustos. Sem falar uma palavra caminhamos até o bivaque e dormimos. No dia seguinte realizados, caminhamos até a vila onde fomos recepcionados com um grande churrasco e a presença de figuras emblemáticas. Um dia especial que me fez mais forte como pessoa e principalmente como escalador.

Hidro no Topo

A conquista da clássica via *Hidro no*

Topo aconteceu em 2003 após três investidas e representou um marco na escalada mineira dando corpo e visibilidade a escalada na cachoeira do Tabuleiro. Esta via me ensinou muito sobre técnicas de escalada, foi ali que aprendi escalada mista, artificial, pêndulo, sobre superação e evolução. Lembro-me de estar conquistando o que hoje é a sexta enfiada da via, subindo no cliff com os pés no estribo e de repente um barulho, quando dei por mim não conseguia respirar direito, tomei uma queda, bati em um bico de pedra e minha musculatura do abdômen travou, desci 80 metros de rapel até o platô, ponto da via usado como bivaque e passei a noite sentado, não consegui esticar as pernas. Voltamos para casa e após uma rápida recuperação, lá estávamos de novo, desta vez levamos baterias de moto que ficavam na parada e para conecta lãs a furadeira usamos 50 metros de um cabo pesado e grosso que usávamos também como retinida durante a conquista, funcionou, começamos a conquista no trecho onde cai, mas desta vez fiquei observando meu parceiro passar fazendo pequenos furos para progressão com os cliffs, retomei a confiança e logo depois o cume, desta vez um banho no topo para lavar a alma. O maior aprendizado é respeitar a montanha, faço isso dando meu melhor, participei da conquista, da primeira repetição, da primeira repetição em um dia e há dois anos para ser mais exato em 17 de julho de 2016 escalei sozinho “solitário”, uma experiência única, difícil de expressar meu sentimento, havia realizando um grande sonho.

Smoke on the water

Durante uma repetição da via *Hidro no Topo* observamos uma possível linha que atravessava por debaixo da cachoeira do Tabuleiro, começamos a planejar essa grande aventura, em 2012 conquistamos a incrível *Smoke on the water*, uma de minhas maiores conquistas, a via de escalada mais bela e exigente do Brasil, uma conquista que acompanha a evolução da escalada mundial. A primeira enfiada após o platô, a terceira da via foi conquistada relativamente rápido apesar de sua negatividade, subia escalando e parava em peças móveis para então fixar proteções e prosseguir com a escalada,

ainda não escalei na cachoeira do Tabuleiro, uma enfiada tão bonita e incrível. O que mais nos impressionou foi à naturalidade com que a via ia surgindo, a cachoeira foi nos levando, apresentando o caminho, todas as enfiadas terminam em um platô e assim foi até o cume. Instigado e motivado, aprendi muito com esta via, construí com o escalador e amigo Melquior Saviotti uma parceria que me fortaleceu e juntos em 2 de agosto de 2017 cinco anos após a conquista da via, escalamos em livre, encadenando todas as enfiadas, uma experiência que jamais esquecerei, estávamos em excelente forma física, senti realmente prazer pela escalada e felicidade de repetir nestas condições uma linha que havia conquistado.

Ali Baba e os 40 Ladroes

Durante a conquista da via *Smoke on the Water* observei uma linha futurística, que ultrapassava meus limites como escalador, uma parede negativa que alcançava a base de um teto com aproximadamente 25 metros de comprimento, uma situação incomoda se tratando de exposição. A via *Ali baba e os 40 ladroes*, finalizada em 2015 após quatro investidas, até hoje sem repetição, espera uma cordada que preparada e motivada veja neste projeto um sonho a ser realizado. Minha historia com a escalada no Tabuleiro vai além de subir a parede, há anos trabalho junto a escaladores, representantes do Parque Natural Municipal do Tabuleiro, representantes do Parque Estadual Serra do Intendente e membros da sociedade civil, construindo e avaliando o projeto piloto que regula a escalada dentro do parque e há dois anos participando do conselho do parque Estadual Serra do Intendente, colaborando para a inclusão da escalada no plano de manejo que vem sendo construído.

Entre o Ego e a Realidade

Contudo a realização de novos projetos e a busca por novas linhas fala mais alto e em junho deste ano 2018, conquistamos uma nova e surpreendente via, *Entre o Ego e a Realidade*, que teve um mês após a conquista, a primeira repetição em livre, Eu, Felipe Alvares, Melquior Saviotti e Henrique Gramiscelli, chegamos ao cume do

Tabuleiro depois de um grande e focado trabalho de equipe, o sorriso no rosto de cada um confirmou o que há anos vivo ali, aventuras que marcam nossas vidas. Minha vida está ligada diretamente a escalada, as montanhas, escolhi guiar, apresentar o Tabuleiro a outros escaladores e escaladoras, este é meu trabalho, amo o que faço, cada oportunidade, cada vivência, as amizades que fortaleço e as novas amizades que construo depois de uma destas incríveis escalada. Espero ter transmitido um pouco sobre os desafios e a beleza do lugar, certo que nos encontraremos por ali. Boas escaladas!

Abaixo as vias citadas no texto, lembrando que hoje contamos com aproximadamente 14 vias que dão cume no Tabuleiro. **Linda de Morrer**, 2002 (Leandro Iannotta, Breno Araujo, Gustavo Piancastelli, Nello Aun, Matheus Carneiro, Leandro Reis, André Viana, André Braga e Gustavo Baxter). **Hidro no Topo**, 2003 (Leandro Iannotta, Breno Araujo, Andre Coutinho, Adriano Barroso, Evandro Rosa, Marcelo Aguiar e Daniel). **Smoke on the Water**, 2012 (Leandro Iannotta e Breno Araujo). **Ali Baba e os 40 ladrões**, 2015 (Leandro Iannotta, Paulo Cisotto, Breno Araujo, Alessandro Imbellone, Gustavo Fontes e Marcus Rufino). **Entre o Ego e a Realidade**, 2018 (Leandro Iannotta, Paulo Cisotto, Pablo Gonçalves, Melquior Saviotti, Matheus Sanches, Dimitri Gouvea e Tom Gomes).

Leandro Oliveira Iannotta “Mr.Bean” Escalador, montanhista, conquistador de rotas clássicas na Pedra Risca, Cachoeira do Tabuleiro dentre outras, realizou em solitário Ascensão da via Hidro no Topo (Cachoeira do Tabuleiro/MG/Brasil) e da via Comesaña-Fonrouge (Aguilha Guillemet/El Chalten/Argentina), escalou em solo vias de comprometimento como: Sonho de Consumo (Grupo 1/Serra do Cipó/MG), Libera o Cliente (Grupo 3/ Serra do Cipó/MG), Lamúrias de um Viciado (Grupo 3 /Serra do Cipó/MG), Brenfizema (Baú/Fidalgo/MG), Ato imperdoável (Lapinha/Lagoa Santa / MG) dentre outras, membro da AESC Associação de Escaladores da Serra do Cipó, Apoiado pela Decathlon Belo Horizonte, 4 Climb e Mr.Açaí Castelo, pai.

UMA PAREDE UNIVERSIDADE



O Tabuleiro é um lugar especial para quem sente uma ressonância profunda com a beleza, pureza e verdade daquela natureza deslumbrante e sincera. Eu frequento bastante esta universidade! E quero continuar evoluindo lá, já que desafios não faltam. Eu gosto de andar achada por lá, de dia ou de noite, num encontro comigo e com as parcerias que eu tenho merecimento de conquistar.

Entre horas de idas e voltas de porteios, dias inteiros de escalada de fendas e esportiva forte, noites de rapéis diagonais daqueles de puxar o jumar para andar pra frente e chegar na parada, noites de bivak... acumulo horas de voo, como uma águia, cada vez mais confortável, no paraíso. Eu agradeço o privilégio de frequentar este espaço e faço todos os esforços para respeitar cada regra ética negociada pelos representantes dos escaladores da região, o Wagner Borges, o Eduardo Barão e o Leandro Iannotta, que conquistaram muito espaço para a comunidade usufruir e cuidar. Ao falar de Tabuleiro, o nome sobressai, o guardião que brilha uma luz tão forte que sobra para doar, o professor que sabe ser o que o momento pede, Mister Monster, Mr. Bean, mister guia.

Neste artigo conto um pouco das minhas investidas, em 2014, 2016 e duas em 2017. Desde a primeira vez que eu fui levada pelo mister, fui evoluindo desde ser uma aprendiz esclarecida e participante até começar a assumir o risco de organizar e guiar as investidas. O D5 do Tabuleiro é um dos que estão guardados no meu currículo AGUIPERJ para o upgrade de guia instrutora. Foi conquistado quando eu fui com o carioca Igor Mesquita, quando a gente dividiu irmanamente as cordadas, eu guiei o esticão de 7c esportivo e o Igão mandou os artificiais de cliff. Sou buscadora das mulheres corajosas e capacitadas que queiram parcerar comigo lá. Escalar entre garotas é uma experiência de empoderamento. Em 2017 eu tive a honra de ter parceiras que eu admiro, a carioca Samara Menezes, Daniel San, e a Francine Borges, que é um ser iluminado e uma escaladora experiente e completa, que já fez tanto 10a esportivo quanto vários cumes em Chaltén. Na ida com a Samara eu cheguei até o artificial de cliff do esticão de 7b esportivo acima do platô, mas não decifrei. A Samara é muito forte e foi ela que desvendou e me ensinou a passar no crux inicial deste esticão, um dinâmico assustador com queda em platô. Eu era a responsável técnica e subi e desci com todos em segurança. Estava o Diogo Botafogo para filmar e várias cenas desta investida estão no vídeo promocional que está quase pronto. Na descida, o Mister e a Francine estavam chegando para filmar para a National Geographic. Foi este encontro na base a semente para a investida seguinte, duas semanas depois.

Quando eu e a Fran conseguimos guiar tudo, o mister ia na frente e puxava a corda dele. Nós queríamos ter ido em 3 meninas,

pra última dupla poder sacar as costuras, mas não encontramos uma terceira mosqueteira disponível. Dessa experiência surgiu uma poesia no meu coração que eu carrego e me preenche: “o presente foram os momentos de silêncio, o respeito ao tempo da outra, cada uma deu seu máximo... e foi justamente o suficiente”. Uma boa parceria é uma música com linda melodia, cada um tomando para si tudo que pode, sem ninguém precisar pedir. Nas palavras do mister monster, mentor e filmmaker: “Francine Borges e Nereida Rezende escalaram o bigwall da Cachoeira do Tabuleiro pela via *Hidro no Topo*. As duas escaladoras revezaram as cordadas até o cume, com grande afinidade e aproveitando as características e potencial de cada uma.” O filme realizado está nos passos finais de produção, será um filme promocional lançado gratuitamente para todo o público nas mídias especializadas.

Vejam algumas partes dos relatos das investidas, sempre carregados de alegria e emoção:

2014

Finalzinho do relato, a partir do 7c esportivo, quando fomos eu o Michael Mitosan de BH participando com o mister Bean, partindo do Abrigo G3 do Magrão e a Taíssa: O mister deu uma rebocadinha no início (esticão de 7c), que era mais difícil, incrível como o mister sabe dar a dose certa de tudo! Ele tem uma medida exata (mais pra farta!! rs) de generosidade e incentivo, ele chama pra gente estar num nível profundo de consciência! “Acrediiita! Com consciência!! Incríiiiiivell!” São as frases que ele mais fala!! What amazing days! Living in the present! Então era eu chegando de ter escalado o largo de 7c por uma corda e o Mito chegando jumariando pela outra com a mochila. Confraternizamos os 3 na parada e o mestre já saindo pro esticão A1 na seg do Mich. Eu e o Mich jumareamos este esticão, cada um em uma corda. A chegada na parada sempre era brindada com cumprimentos dos parceiros. Estávamos os três muito focados todo o tempo!

O próximo esticão era de sexto grau, com proteções fixas. O Michael guiou. No final estava molhado por mais de 5 metros até chegar na parada, bem no crux do esticão. O mister tentou passar esta parte também, em livre e artificializando. Teve uma queda, mas conseguiu chegar na parada. A minha progressão e do Mich nessa enfiada foi emocionante, porque há

vários pêndulos de big wall, inclusive pra quem estava limpando (eu). Depois de tomar 2 pêndulos eu usei o procedimento de pêndulo controlado que eu aprendi com o Daflon na Waldo, eu me acalmei assim, porque eu já estava abalada, haha. A última enfiada também estava molhada. Tocava pra mim, mas eu já fui falando logo que meu nível saíam em 2 e nesse nível a gente não guia no molhado! Ahaha Só que o nível 3 e 4 pra cima, que estavam do meu lado, tentaram passar de todas as maneiras. Que isso meu? Tava limo na pedra, tava uma cachoeira fraca caindo lá de cima molhando dia e noite aquela passagem... eu não queria desentimular eles ali tentando subir no fator dois, fiquei bem colada na parede, mas confesso que fiquei aliviada depois que eles desistiram, não antes de tentar até conquistar uma variante kkk, tudo fanático!!

A descida foi linda! Verdadeiramente há o comprometimento de confiar nos seus equipamentos, principalmente nas cordas. Você vai descendo naquela corda única e vai vendo ela raspando na aresta mais proeminente... e pra chegar na parada, tem que puxar o jumar e se puxar pra frente, porque todos os esticões da parede são em diagonal. Pra chegar na parede também sempre tem uma aresta maior onde a corda raspa! Tem que manter o sangue frio!!

“Escalar o Tabuleiro é um sonho para muitas pessoas pela beleza, dificuldade e magnitude. Assim encontrei Nereida e Michael, sedentos...e com toda essa energia nos encontramos no Abrigo G3, ponto de partida da expedição. Três dias de escalada, aprendizado e surpresas! Nereida e Michael mostraram-se seguros e confiantes com os procedimentos e a vontade nas situações que a escalada nos colocava. Parceria é o que define nossa escalada...e certeza que eles não vão esquecer. Viva o climb!!” Mr.Bean

2016

nvestida com o carioca Igor Mesquita, que atualmente é guia instrutor da AGUIPERJ. Naquele momento, nós dois estávamos colocando a via no currículo. É nessa vibração que venho compartilhar a estratégia escolhida por mim e Igor Mesquita para escalar a via Hidronotopo (VI 7-8/A1 E3 320m) na Cachoeira do Tabuleiro. Nós dois, escaladores cariocas, fizemos cume na sexta, dia 4 de novembro de 2016, às 19h. Toda atividade decorreu entre a terça – 1º de novembro – e domingo – 6 de novembro –, contando o deslocamento de ida e volta para a cidade maravilhosa.

O empenho que eu e o Igor tivemos para realizar a missão foi mais ou menos assim: saímos terça pelas 21h do Rio, dirigimos revezando até ficar com muito sono, pela meia noite, paramos num posto, dormimos no carro com os bancos reclinados, acordamos cedo, fizemos um café na estrada, chegamos antes do meio dia no Cipó e subimos para o G3 para pegar

com o Mister a assinatura dele no termo de habilitação para a escalada, chegamos em Conceição quarta de tarde, fizemos um porteo de equipes até a base e voltamos para dormir na sede do parque. Quinta de manhã saímos com a segunda leva de equipamentos, escalamos até o platô rebocando o que virou dois hallbags bem pesados e ainda deixamos encordado o esticão de 7b acima do platô. No segundo dia fizemos cume, voltando para dormir no platô uma segunda noite e rapelamos com tudo no sábado de manhã. Fizemos duas viagens para a sede do parque levando o material e saímos pelas 22h dirigindo até o sono bater, paramos o carro numa quebrada da estrada Conceição-Cipó e dormimos mais uma noite no carro, com os bancos reclinados. No domingo revezamos o volante até o Rio. A escalada foi descrita muito bem pelo Igor em um post, então eu reproduzo aqui as palavras dele que contam muito bem o que ocorreu:

“Iniciamos a primeira parte do porteo no fim da tarde de quarta feira, acordamos bem cedo na quinta feira e caía uma chuva fraca, assim que parou iniciamos a trilha com o restante dos equipamentos.” Nereida Rezende guiou a primeira enfiada de quinto grau e rebocou os haulbags, logo em seguida ela guiou o diedro de 7b e eu subi pra rebocar os haulbags, guiei a terceira enfiada de quinto grau até o plato onde foi o nosso bivaque a 100 metros da Cachoeira e reboquei os haulbags, quase anoitecendo e com muita vontade de agilizarmos ao máximo eu guiei a quarta enfiada de 7b esportivo com um artificial no final, levei comigo mais duas cordas retinidas pra deixar a parede encordada.

Na manhã de sexta acordamos mais uma vez com chuva fina e tivemos que começar a escalar um pouco mais tarde, peguei mais uma corda, costuras e outros materiais que iríamos precisar para as cinco enfiadas seguintes e jumariei pela corda fixa. Cheguei na parada montei a segurança da Nereida e ela veio limpando a enfiada de 7b com a mochila com dois jogos de friends e mais uma corda retinida, foi difícil escalar com o peso e ela gemia, mas quando chegou na parada já estava sorrindo de novo. Logo em seguida ela guiou a enfiada de 7c alucinante e depois foi minha vez de sofrer escalando com a mochila.

Cheguei na P5 e me organizei pra guiar a enfiada de nono grau com furos de cliff, logo no início passei por um lance bem exposto, mas depois que cheguei na parede vertical consegui fazer bem as passadas de cliffs pra chegar a cada grampo.

Nereida jumareou essa enfiada e guiou a seguinte de sexto grau, cheguei na P7 e já perto de escurecer, eu sai pra guiar a última enfiada, me perdi um pouco, tive que fazer uns trepa-mato e depois achei a fenda final, Nereida chegou assim que anoiteceu, batemos umas fotos e já iniciamos os rapéis, já bem cansados e tendo que recolher as cordas que tivemos que deixar fixas por ser paredes negativas e horizontais, conseguimos chegar no plato do bivaque por volta

das 22h00. Dormimos e na manhã de sábado acordamos mais uma vez com chuva, tomamos um café e logo depois começamos a arrumar os haulbags, mais quatro rapéis e chegamos na base.

Dai separamos os materiais e depois de alguns alongamentos iniciamos a primeira leva do porteo. Chegando na sede nos alimentamos super bem. No fim da tarde voltamos pra base da cachoeira pra poder buscar o restante dos equipamentos e às 22h00 horas chegamos no carro.”

Como fica claro no relato do Igor, nossa estratégia foi deixar os três esticões acima do platô encordados (já gasta 3 cordas) e subimos com 2 cordas os últimos esticões de sexto (uma das cordas era uma gêmea, leve, pra juntar com a outra corda de guiar e permitir o rapel de 60m). Então, em termos de material, tínhamos 5 cordas, 2 jogos de friends bem servidos, 25 costuras, cada um tinha seu material de jumariar e de bivacar e juntos tínhamos material para cozinhar e comida para 2 dias.

No crux do esticão de 7c, que é logo que sai da parada, eu fui intermediando os grampos com peças móveis para cair menos, eu cai umas três vezes. Na terceira queda, eu já tinha quase saído do lance, tinha botado uns 0.1 e 0.2 e fui indo e vi que não ia dar, daí fui desescalando e gritando pro Igor, “vou cair Igor, nos pequeninhos, Igor, são os pequeninhos”, e caí só uns 2 metros, porque as pecinhas seguraram! Nós rimos muito disso, depois! Eu também descansei num cliff de agarra que eu botei no loop. Já penso em usar esta estratégia quando for guiar o esticão de cliff talon, na minha próxima investida. Aquela parte é muito exposta! Um ponto alto que eu tive foi quando o Igor no final da escalada falou: tu escala bem em móvell cada peça que eu retirei estava muito boa!! Yyyaaaa, sim, eu sei o que fazer, eu estudei bastante, curso de móvel eu tive um com o Flávio Daflon e outro com o Edu RC, cursos metódicos e sistemáticos, que passa por todos os assuntos em cadeia. É importante estudar, porque tu não sabe que não sabe o que não sabe.

2018 - ida com Francine Borges.

A Cachoeira do Tabuleiro fica no município de Conceição do Mato Dentro e é a mais alta do estado de Minas Gerais e a terceira maior do Brasil. Com 273 metros de altura, a cachoeira é formada a partir de um paredão, com várias vias de escalada que exigem comprometimento de ambos os escaladores. Tenho uma fascinação por esta via, tanto devido à beleza natural do local, quanto pelas dificuldades da escalada.

Francine guiou o 7c esportivo e Nereida o oitavo de cliff. Ao todo, a escalada durou dois dias de muita disposição, força, coragem e aprendizado.

Já é minha quarta vez nesta via, já tinha guiado as outras cordadas com outros parceiros, mas agora consegui guiar os

esticões de artificial de cliff. A via é comprometida, com esticões diagonais e negativos, por isso é exigido um termo de capacidade técnica para quem quer escalá-la, emitido pela FEMEMG.

Francine guiou tudo até o platô: A chaminé de quinto, o diedro de 7b móvel e o esticão de quinto em móvel. Chegando no platô fomos comer algo rapidamente para cumprir a programação: guiar e deixar encordados os dois esticões acima do platô, um 7b esportivo com final em artificial de cliff, que a Nereida guiou e o 7c esportivo, que a Francine lindamente assumiu.

A Nereida quis guiar até a segunda costura da quarta cordada antes do mister subir na frente para filmar, para ter a seg do mister, mais pesado, já que é um crux com queda de platô. “Mister, se eu cair, se joga para trás”. Eu botei para jogo e acertei de primeira o move.

O quarto esticão é um 7b esportivo, que tem um segundo crux de dominar balcão. No final, tem um artificial de cliff talon e peças móveis. Eu fiz tudo direitinho e não cai.

A Francine guiou o 7c esportivo lindamente. É bem negativo e exigente. Nestas duas enfiadas, nós duas usamos alguns móveis para intermediar.

Foi muito importante para o sucesso da escalada ter feito estas duas enfiadas no primeiro dia. Deixamos elas encordadas e fomos dormir no platô. No dia seguinte jumariamos elas e fomos pro meu crux, o esticão de oitavo de cliff.

Chegamos bem no início do artificial de oitavo, 11h da manhã. Era a minha vez novamente de dar tudo! O mister subia antes, puxava a corda dele e depois descia de rapel para nos acompanhar, filmar e dar os betas. Eu fiz bem as passadas de cliff de buraco – talon, mas para chegar nos buracos tinha que dar umas passadas em livre hard e nesses momentos eu tive quedas.

Depois daí, eu devorei as últimas duas cordadas, uma de sexto e uma de quinto, expostas. Fui num flow, que só pensava na próxima agarra, bem consciente, ávida pelo cume tão sonhado, em cordada feminina.

Agradecemos ao mister monster, mestre Bean, ser iluminado! Se eu e a Francine somos estudantes na universidade do Tabuleiro, o que é o mister? Ele é o nosso Yoda, nosso senhor Myagi, nosso mestre dos magos!

Nereida Rezende

Nereida Rezende escala desde 2008 e é no flow dessa atividade que ela se harmoniza com a essência da vida. Consciente de que está vivendo o dharma, ela vem consolidando sua trajetória profissional em escalada com a Climbing In Brazil, que opera como escola de escalada, receptivo de escaladores estrangeiros no Brasil e de brasileiros ao redor do mundo. Sua base é o Rio de Janeiro e Três Picos, onde recebe escaladores e alunos nas Casinhas dos 3 Picos.

MONTANHAS MINEIRAS

"Mas a montanha é assim mesmo: ela nos dá constantes lições de humildade, o que não só nos ajuda a sobreviver a outras situações perigosas, como também a ter a precisa noção de nossa insignificância. É uma domadora implacável do monstro do ego."

André Ilha

Você conhecerá a seguir duas montanhas bem distintas: do lado leste do Espinhaço, o rochoso Pico dos Sete Salões e, do oeste, o espaçoso Pico Dois Irmãos, ambos sendo os pontos culminantes de Parques Estaduais a que pertencem. De um lado, as vertentes verdejantes da Mata Atlântica e, de outro, os rústicos campos do Cerrado. Apesar dos ambientes distintos, não são tão distantes entre si, o segundo a noroeste do primeiro.

Alberto Ortenblad | SP



Pico Dois Irmãos, S. Gonçalo Rio das Pedras, MG

Belas Pedras (LXIII): Pico do Garrafão (Sete Salões)

Já comentei brevemente sobre esta montanha no artigo sobre a vertente do Rio Doce da Serra do Espinhaço. O melhor acesso a ela é pela cidade mineira de Resplendor, acessível pela BR-259. Resplendor fica à beira do lago criado pelo represamento das águas do Rio Doce, que submergiu a pedra que lhe deu o nome. A maior cidade próxima é Governador Valadares. O Pico do Garrafão ou Sete Salões pertence à crista rochosa que atravessa o centro do Parque Es-

tadual dos Sete Salões, num belo perfil aproximadamente retilíneo, desde Resplendor até Conselheiro Pena. O acesso é por Santa Rita, a cerca de 30 km de Resplendor, dos quais um terço em terra. A trilha começa numa bucólica roça de café, subindo numa mata rala, até uma laje rochosa (930m) – de onde você já poderá avistar o pico lá em cima, esperando por sua visita. Daqui você voltará a penetrar na mata, agora bem mais densa, até encontrar a parede da Gruta dos Sete Salões, menos de 2½ km após a partida. É fácil chegar lá a partir da gruta: basta contorná-la

à direita e continuar subindo por mais 1½ km, inicialmente dentro da mata, depois no meio de arbustos e por fim através de um campo rupestre e uma linda laje frontal à estreita e íngreme parede final. Note que existe uma trilha à esquerda no campo rupestre, que meu companheiro Jarbas Resende diz vir de Santa Rita – uma longa e bela aproximação. A escalaminhada final é curta e agradável, conduzindo ao pequeno cume rochoso a 1.145m. A ascensão desde o início é de 550m, sendo mais da metade até a gruta. O aclave médio de 15% é bem razoável, esta é uma trilha que pode ser

percorrida rapidamente. A vista do cume é muito variada: à esquerda fica lá longe o Ibituruna (1.230m), a gigantesca montanha de Valadares que possui uma das melhores térmicas para voo livre e uma das mais lindas vistas do Rio Doce. À direita, você verá as vilas ao longo do rio, escondidas entre o azul e o verde. E à frente, emergindo sobre o horizonte, os emocionantes pontões de Pancas, que serão motivo de um próximo artigo.

Belas Pedras (XLIV): Pico dos Dois Irmãos

Junto com o Pico do Itambé, esta bela montanha é facilmente avistada dos campos altos de Diamantina, a cidade de onde foram extraídos os diamantes coloniais, por onde passa ainda caudaloso o alto Jequitinhonha e de onde parte o enorme planalto do Espinhaço. Naturalmente, o nome do pico remete às suas duas corcovas. Ela faz a divisa oriental do Parque Estadual do Rio Preto, que fica em São Gonçalo. Talvez seja o PE mais bem estruturado do Estado, com bons alojamentos, camping e sinalização. Abrange as nascentes do Rio Preto, que o atravessa no sentido norte e integra a bacia do Jequitinhonha.

Há duas maneiras bem diferentes de você alcançar o Dois Irmãos. A mais exigente percorre a Chapada do Couto, no rumo sul, com 36 km ida e volta a partir da sede. Você começará a andar na direção das cachoeiras do Parque e cruzará o Rio Preto, cujos afluentes irão acompanhá-lo por quase todo o caminho. Em seguida, atravessará os cerrados de candeias e cagaitas e chegará aos campos de sempre vivas, passando por antigas lapas onde antigamente se abrigavam os coletores da planta. À medida que for subindo, avistará a Serra do Gavião a leste e o Rio Preto a oeste. A montanha é o divisor entre



Pico do Garrafão, PE Sete Salões, MG

os cursos do Preto e do Araçuaí, formando o limite leste do Parque. O percurso normalmente feito vai até uma casa de apoio (ao lado da chamada Casa do Mozart), onde você pode pousar. São 14 km de subida razoavelmente íngreme, numa ascensão de talvez 600m, que deve lhe tomar até 5 hs. Este local está a 4 km a norte da montanha, que devem ser percorridos no dia seguinte.

Mas, se você tiver uma boa condição física, pode prosseguir diretamente até a base do pico, já na altitude de 1.600m. A subida final pode seguir pela mesma trilha do

outro acesso, que descrevo logo a seguir. Serão ao todo 7 hs de uma caminhada sempre ascendente e um tanto pesada até o cume. A alternativa mais fácil é penetrar na Chapada do Couto por moto ou carro. É uma viagem grande e emocionante – ao longo de 50 km, você passará pela Gruta do Salitre e pela Ponte do Acaba Mundo, um local sinistro onde se juntam os Jequitinhonhas Preto (que desce dos Dois Irmãos) e Branco (que nasce em Serro). Às escarpas abruptas da Serra de Santana segue-se a monumental visão do Pico do Itambé, logo atrás da agitada Serra da Bi-

Pico Dois Irmãos (Oeste), Chapada do Couto, MG



da, por quem chega pela chapada, sendo mais curta. Não são caminhos difíceis, apesar de pedregosos, irregulares e nem sempre nítidos – da base ao cume tomará apenas 1 hr.

O cume é espaçoso e está a 1.830m. Foi lá instalado recentemente um livro, no qual você poderá conferir minhas impressões e deixar as suas. A principal vista é a do espetacular Itambé, a apenas 20 km a sudeste. A corcova do Irmão Menor e a Serra do Ambrósio estarão a norte, a Serra dos Rodrigues a oeste e, entre elas, as terras do Parque de onde veio. No sentido oposto, o trecho da Chapada do Couto atravessável por carro. Diamantina e outras vilas também poderão ser percebidas. Do cume você terá ainda uma ótima visão da travessia entre os Parques do Rio Preto e do Itambé, cujos 50 km costumam ser percorridos em três dias. Note a cênica garganta entre o Itambé e a Bicha, onde na encosta de entrada você deverá pousar no segundo dia e no fim da qual terminará sua travessia abençoada. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!



LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompéia

www.penatrilha.com.br



GENUINAMENTE

ARTESANAL

PRODUZIDA NO VALE DOS

SERRANOS

SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3%ABV | 40 IBU

BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU

RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU

WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU

LOJA DE FÁBRICA:
ESTR. SERRANOS, KM2
SÃO BENTO SAPUCAÍ
(12) 3971.1470

BAUZERA

•CERVEJA•

500ml RED ALE 4,0% VOL. ALC.

ÁGUA PURA, MALTES SELECIONADOS E LÚPULOS ESPECIAIS

SÃO BENTO SAPUCAÍ | SP | SERRA DA MANTIQUEIRA

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editor: Eliseu Frechou

Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.

E-mail: contato@montanhismus.com.br.

Web site: www.mountainvoices.com.br.

Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.

Leandro Iannotta na segunda enfiada da via "Hidro no Topo" V 7°VIII A1/9a 320m. Cachoeira do Tabuleiro, MG. Imagem: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/010/2018.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....Telefone.(.....).....

E-mail.....

Idade.....Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra

Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada

() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

() Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00

() Renovação assinatura - R\$ 20,00

() Assinatura 2 anos - R\$ 40,00

() Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar

() Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00

() Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00

() Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

Total00

163

20

ANOS

Yoga

Top Rope e guiada

Esteira

Boulder

Musculação

Tecido e Lira

DUAS UNIDADES • DIVERSAS ATIVIDADES • UMA MENSALIDADE

Perdizes

Rua Venâncio Aires, 31

tel. 11 3879-6800

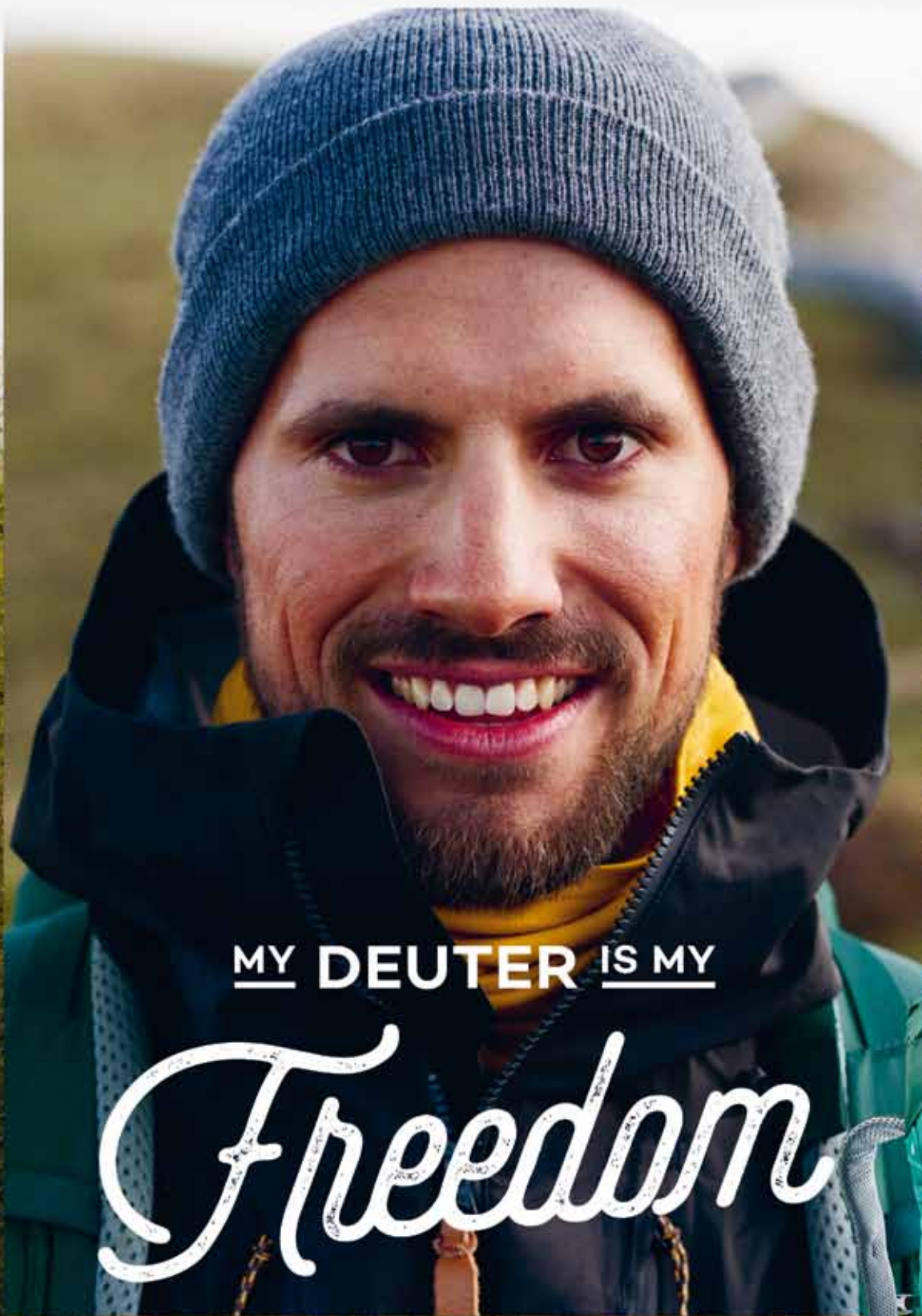
CASA DE PEDRA

Moema

Al. dos Guaramomis, 256

tel. 11 4563-2903

www.mountainvoices.com.br



MY DEUTER IS MY

Freedom



deuter.com.br